

SOLITÁRIO, EPÍTETO DEFINITIVO: O USO DA MEMÓRIA DE AURELIANO CÂNDIDO TAVARES BASTOS PELAS INSTITUIÇÕES DE PODER EM ALAGOAS DURANTE A REPÚBLICA (1919-1975).

SOLITÁRIO, A DEFINING EPITHET: THE USE OF AURELIANO CÂNDIDO TAVARES BASTOS'S MEMORY BY POWER INSTITUTIONS IN ALAGOAS DURING THE REPUBLIC (1919-1975).

Aldemir Barros Silva Júnior¹
Bruno Cavalcanti Leal²

RESUMO: Esta pesquisa, desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPEAL), sob orientação do Prof. Dr. Aldemir Barros da Silva Junior, explora a representação simbólica e política da memória de Aureliano Cândido Tavares Bastos em Alagoas durante o período republicano em Alagoas. Figura política proeminente do Segundo Reinado, Tavares Bastos defendeu ideais “modernos” e liberais em sua atuação legislativa, jornalística e teórica. Por meio da análise qualitativa de periódicos, livros, biografias e discursos oficiais que o referenciam, e com suporte teórico sobre memória e representação, identificamos uma nítida oposição entre o discurso e a materialização dos atos simbólicos de sua memória. O estudo sugere que a rememoração de Tavares Bastos em Alagoas busca construir uma imagem de Estado moderno e liberal, contrastando com sua característica real conservadora e violenta, ou seja, suas ideias não se concretizaram na prática das elites e políticos alagoanos.

PALAVRAS-CHAVE: Tavares Bastos; Memória; Esquecimento; Alagoas.

ABSTRACT: This research, developed within the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC/FAPEAL), under the guidance of Professor Dr. Aldemir Barros da Silva Junior, explores the symbolic and political representation of Aureliano Cândido Tavares Bastos's memory in Alagoas during the republican period. A prominent political figure of the Second Reign, Tavares Bastos advocated for "modern" and liberal ideals in his legislative, journalistic, and theoretical work. Through a qualitative analysis of periodicals, books, biographies, and official

¹ Doutorado em História (UFBA). Universidade Estadual de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5480-2954> Email: aldemir.barros@uneal.edu.br

² Graduando em História (UNEAL). Universidade Estadual de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5697-560X> Email: bruno.leal.2021@alunos.uneal.edu.br

speeches referencing him, and with theoretical support on memory and representation, we identified a clear opposition between the discourse and the materialization of symbolic acts related to his memory. The study suggests that the commemoration of Tavares Bastos in Alagoas seeks to construct an image of a modern and liberal state, contrasting with its true conservative and violent nature; in other words, his ideas were not put into practice by the Alagoan elites and politicians.

KEYWORDS: Tavares Bastos; Memory; Forgetting; Alagoas.



10.23925/2176-4174.35.2025e72516

Recebido em: 11/07/25.

Aprovado em: 09/08/25.

Publicado em: 09/08/25.

Introdução

Na tragédia "Prometeu Acorrentado", do dramaturgo grego Ésquilo³, o titã da mitologia grega Prometeu descreve o momento em que presenteou a humanidade com o fogo roubado dos deuses:

"Em certa ocasião apanhei e guardei na cavidade de uma árvore a semente do fogo roubado por mim para entregar à estirpe humana, a fim de servir-lhe de mestre das artes numerosas, dos meios capazes de fazê-la chegar a elevados fins. Agora, acorrentado sob o céu aberto, pago a penalidade pela afronta a Zeus!" (Ésquilo, 2009, p. 17)

Por meio desse ato, o titã afirma ter elevado os mortais da ignorância à razão, concedendo-lhes não apenas o domínio do fogo, mas também a esperança e o progresso. A inteligência e o amor pela humanidade fizeram Prometeu desafiar a autoridade de Zeus ao roubar o fogo divino e entregá-lo aos mortais. Tal feito de rebeldia enfureceu Zeus, o rei dos deuses, que como punição pela transgressão ordenou que Prometeu fosse acorrentado a uma rocha nas montanhas do Cáucaso. Lá, o titã sofreu um tormento eterno: uma águia gigante era enviada diariamente

³ Ésquilo, o mais antigo dos três grandes dramaturgos gregos e criador da tragédia em sua forma definitiva, nasceu em Elêusis, nas proximidades de Atenas, em 525 ou 524 a.C.; o Prometeu acorrentado (data incerta, provavelmente próxima ao ano de estreia da Oréstia). Ver ÉSKUÍLO. **Uma tragédia grega:** Prometeu acorrentado. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 2009.

para devorar seu fígado, que se regenerava durante a noite, apenas para ser consumido novamente no dia seguinte.

Aureliano Cândido Tavares Bastos, personagem histórico investigado neste texto, encontra a narrativa mitológica grega de Prometeu mais de dois mil anos depois da tragédia escrita pelo poeta Ésquilo, quando na Academia Alagoana de Letras comemorou-se o quinquagésimo aniversário de seu falecimento, em 1925. Orlando Araújo⁴, membro da academia, discursou para os demais acadêmicos:

“Vem agora a formosa terra das lagoas encantadas, que mantem ao longo das suas costas as sentinelas da sua rica natureza, sinfonia verde das nossas praias! Evocativas de Deus! De palmas abertas como grandes mãos a receberem as dadas supremas do criador, encher o seu presente com a glória do seu passado. Curvemos a fronte diante dela. As brumas do olvido cedem ao calor da férula de um novo Prometeu, que não traz as mãos abrasadas dos cometimentos temerários, mas cheias de flores, para a coroação do sábio. As armas de um gênio aparecem no seu escudo, na panóplia erguida pela Academia. Bem ao perto sentimos a grandeza de Aureliano, formidável atalaia da mentalidade e democracia brasileiras.” (Araújo, 1975, p. 150)

Eis o “*novo Prometeu*”, o alagoano Aureliano Cândido Tavares Bastos. Figura política relevante durante o segundo reinado, Tavares Bastos foi considerado um político à frente de seu tempo por defender ideais liberais em sua atuação legislativa no Governo Imperial, publicista na imprensa e teórica na bibliografia. Para o sociólogo alagoano Manuel Diegues Júnior⁵ (1975, p. 135), “foi um homem de sua época; ou melhor, um homem além de sua época, porque ainda é hoje, atual nas ideias, oportuno nas sugestões, vivo nos problemas que agitou”. Hoje poderíamos dizer que essa observação de Diégues Júnior continua atual.

A atualidade de Tavares Bastos pode ser notada na influência de suas ideias postumamente em parte do movimento federalista republicano brasileiro a partir da sua obra de maior destaque “A Província”, de 1870, influenciando também o movimento abolicionista e a luta pela educação pública, por meio do livro “Cartas do

⁴ Deputado federal, interventor interino, secretario de estado, advogado. Membro-fundador da AAL, da qual também foi presidente, tendo sido o primeiro ocupante da cadeira 9. Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 89.

⁵ Deputado provincial e estadual, professor, jornalista, advogado. Um dos fundadores do IHGA, do qual foi o 4º presidente, durante quase vinte anos, e é patrono da cadeira 36. Fundador da AAL e primeiro ocupante da cadeira 11. Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 427.

Solitário”, de 1862. Apesar de falecer jovem, aos 36 anos em 1875, seus postulados políticos serviram de referência para outros importantes pensadores brasileiros.

Em Alagoas, sua memória, postumamente, foi utilizada pela elite alagoana no século XX, tanto a partir de representações simbólicas, por exemplo, em 1952 quando nomeou-se a Assembleia Legislativa de Alagoas em sua homenagem como Casa Tavares Bastos, como também com a publicação de obras bibliográficas, conferências e matérias de jornais. Entretanto, apesar do destaque dado a figura política de Tavares Bastos, o mesmo esteve constantemente associado a um discurso de esquecimento e apagamento por instituições e personalidades de poder em Alagoas, tais como: governadores, deputados estaduais e federais, Academia Alagoana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Metodologia

A abordagem metodológica utiliza-se das fontes por meio da análise qualitativa dos discursos, estando essa abordagem inserida no campo de observação da história local, ou seja, se restringindo a Alagoas. Majoritariamente as fontes utilizadas nesta pesquisa são de natureza primária, são elas:

- Discursos de Aureliano Cândido Tavares Bastos na Câmara dos Deputados, acessados por meio dos Anaes da câmara, disponíveis na biblioteca nacional.
- Periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Bibliografia sobre Aureliano Cândido Tavares Bastos produzida pela Assembleia legislativa de Alagoas.
- Atas de conferências e homenagens a Tavares Bastos disponíveis no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Outras fontes utilizadas são de cunho secundário, sendo fontes bibliográficas, retratando e discutindo o pensamento de Tavares Bastos. Essas estão disponíveis em repositórios digitais de variadas universidades brasileiras.

1. Um político de gênio: a atuação política de Tavares Bastos e suas ideias para o Brasil.

“Estamos na velha cidade das Alagoas, Capital do Estado que tem o mesmo nome. A “folhinha” pregada na parede de taipa da casa assobradada do doutor José Tavares Bastos marca 20 de Abril de 1839. Por toda parte um

alvorço enorme... A velha parteira chegou para pegar o menino. Na sala de visitas estão os amigos do doutor José Tavares. Amigos e correligionários... Repentinamente, surge um choro infantil no quarto de casal dos donos da casa. A parteira segura a criança que se esperneia e grita no seu primeiro dia de vida... Logo mais, toda a cidade; todas as localidades da redondeza, os engenhos, os povoados, sabiam que o filho de José Tavares Bastos nascera." (Silveira, 2019, p. 33-34)

Com o romantismo que um “*novo Prometeu*” pede, é dessa forma que narra o nascimento de Aureliano Tavares Bastos o biógrafo Paulo de Castro Silveira. Para além de engrandecimentos póstumos, a trajetória de Tavares Bastos enquanto político e pensador brasileiro, no segundo reinado, pode ser caracterizada como meteórica.

Uma vez tendo adentrado a representação política como deputado provincial, por Alagoas, sendo eleito para as legislaturas de 1861-1863, 1864-1866 e 1867-1870, Aureliano Tavares Bastos desenvolveu uma intensa carreira política, tendo como destaque a proposição de uma série de reformas que podem ser caracterizadas como um projeto nacional, reformas essas que influenciaram veementemente os rumos do pensamento liberal brasileiro a partir de então. Apesar disso, suas ideias esbarraram no *realismo político* do Estado imperial brasileiro, marcado pela manutenção de suas estruturas; a centralização estatal e a mão de obra escravizada. Seu liberalismo tem como marca maior um descompasso com a política brasileira, tendo existido um descompasso entre sua teoria política e prática política imperial.

Mesmo com tal incongruência, Tavares Bastos efetivamente deixa sua marca no pensamento liberal brasileiro por meio da imprensa e de sua produção bibliográfica, tendo esta um caráter universalista (*Cartas do Solitário*, 1862), prático (*O Valle do Amazonas*, 1866) e principalmente Liberal reformista (*A Província*, 1870).

Em “*Cartas do Solitário*”, uma série de cartas publicadas entre 1861 e 1862 no periódico *Correio Mercantil* sob o pseudônimo de *Solitário da Tijuca*, discorreu sobre variados temas latentes da segunda metade do século XIX no Brasil. Estando divididas em três sessões temáticas; a primeira tratando sobre organização administrativa e ensino religioso; a segunda sobre africanos livres e tráfico negreiro; e a terceira sobre liberdade de navegação de cabotagem, abertura para navegação

do Amazonas e a situação da marinha brasileira. *Cartas do solitário* destaca a pluralidade de temas que Tavares Bastos aborda, ecos da sua formação universalista na Faculdade de Direito de São Paulo. A última sessão temática, abertura do Amazonas, chegou a difundir os textos do *Solitário da Tijuca* até a Europa, com publicações na Inglaterra e Alemanha (Pontes, 1939, p. 137). Tamanho sucesso rapidamente fez esgotar uma primeira edição, que agrupava 30 cartas e foi publicada pelo Correio Mercantil, havendo a publicação de uma segunda edição ampliada em 1863.

Já em “*O Valle do Amazonas*”, de 1866, abordou a importância estratégica e econômica da região amazônica para o Brasil, defendendo a livre navegação de cabotagem como maneira de promover o desenvolvimento econômico e a integração da região no país. Nesta obra, Tavares Bastos revela como seu pensamento político esteve orientado pela aplicação prática das mudanças estruturais que propunha para o Estado brasileiro. Essa orientação o rendeu, postumamente, o símbolo de pensador realista.

Como último grande apontamento teórico, Tavares Bastos se debruça nos vícios gerados pela centralização do poder central do Estado imperial e a degradação do caminho do progresso. Assim, escreveu sua obra de maior destaque “*A Província*”, de 1870, essa fundamentou e influenciou diretamente o federalismo no Brasil e o modelo de estrutura administrativa brasileira adotada na república. Na introdução desta obra Tavares Bastos afirma categoricamente que “A grande questão que no Brasil se agita, resume-se na eterna luta da liberdade contra a força, do individuo contra o Estado” (Bastos, 2012, p. 18).

Propõe então, em sua obra, reformar aspectos gerais da organização administrativa estatal brasileira, isto é, os conselhos de província, as assembleias provinciais, os senados provinciais, as comissões eleitorais provinciais, a função e o papel do presidente provincial, os dispositivos organizacionais das municipalidades, a estruturação da guarda nacional e as relações intraprovinciais. Apontando as deficiências em cada um desses elementos e sugerindo a federação como modelo para alcançar o aperfeiçoamento do Estado, estabelece como medidas para garantir isso: o aumento da instrução pública para os cidadãos brasileiros com a garantia de um sistema eficaz de ensino público; a emancipação das províncias para melhor gerirem seus recursos; obras públicas; uma reforma agrária relacionada a imigração

de mão de obra estrangeira; e uma readequação da arrecadação de impostos e tributos para o financiamento das províncias a partir da lógica da federação.

Com ideais modernos, se comparados ao pensamento liberal no Brasil, os planos de Tavares Bastos são precocemente frustrados. Em 1874 viaja para a Europa e em 3 de dezembro de 1875, na cidade de Nice na França, falece vítima de uma pneumonia pulmonar. O corpo chega ao Brasil em 30 de abril de 1876, nesse dia diversas homenagens em jornais no Brasil inteiro são prestadas, *O Globo* publica:

"Na flôr da idade deixa Tavares Bastos uma reputação sufficiente para fazer a gloria de um homem de Estado: no movimento progressivo das idéas e dos factos que se têm produzido no nosso paiz desde 1860, nenhum outro homem politico, mais do que Tavares Bastos, exerceu tão decisiva influencia." (Pontes, 1939, p. 351).

O diário da Bahia, a época dirigido por Ruy Barbosa⁶, afirmou:

"Que brasileiro ha ahi, por menos instruído que seja das cousas de sua terra, que não conhecesse o nome do profundo pensador Tavares Bastos! (...) Espirito pratico, investigador paciente, extremamente estudioso, examinou com critério todos os problemas, todas as necessidades, todos os males, que nestes ultimos tempos tem agitado a sociedade brasileira. No jornal, no livro, na tribuna parlamentar, estudou todas as nossas questões e teve para todas ellas uma palavra, um voto." (Pontes, 1939, p. 352).

Sua morte precoce interrompe uma curta carreira de grande exposição teórica que o estabeleceu, postumamente, como um dos grandes pensadores e vozes do segundo império, ecoando no Brasil de maneira significativa. Assim como na narrativa mitológica de Prometeu, Tavares Bastos foi compreendido como um pensador que trouxe de maneira precoce ideias, o fogo de Prometeu, que se concretizaram em certa medida no país. Entretanto, tal qual o titã, teve de enfrentar um agouro que o seguiu acompanhando postumamente, o esquecimento.

2. Entre-tempos: a formação de Tavares Bastos como símbolo

⁶ Ruy Barbosa de Oliveira (1849-1923) foi um político, jurista, advogado, diplomata, escritor, filólogo, jornalista, tradutor e orador brasileiro. Um dos intelectuais mais conhecidos do seu tempo, foi designado por Deodoro da Fonseca como representante do nascente governo republicano, tornando-se um de seus principais organizadores além de coautor da constituição da Primeira República juntamente com Prudente de Moraes. Ruy Barbosa atuou na defesa do federalismo, do abolicionismo e na promoção dos direitos e garantias individuais. Ver BARBOSA, Ruy. **Pensamento e ação de Rui Barbosa**. Fundação Casa de Rui Barbosa (org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

Falecendo jovem, aos 36 anos, Tavares Bastos não pôde ver em vida muitas de suas ideias se comensurarem, a abolição da escravidão em 1888, a efetivação do sistema federalista após o golpe republicano de 1889, a adoção do sistema público de ensino e tantas outras mudanças no Estado Brasileiro.

Seu legado e influência no pensamento liberal no país ganham mais destaque após o advento da república, e mesmo que em vida não tenha chegado a romper com a defesa do sistema monárquico, seus postulados sobre descentralização da administração pública são reivindicados como memória pelos republicanos federalistas. Segundo Walkiria Rêgo:

“O legado de Tavares Bastos na história das idéias liberais no Brasil constituiu-se, logo após sua prematura morte, em objeto de disputa. Afinal, seu liberalismo, onde o fascínio pelo sistema americano conferiu-lhe o colorido mais acentuado, tenderia para a monarquia reformada (certamente federativa) ou para a república já então prestes a nascer? As respostas a estas questões certamente abrigaram a parcialidade contida nos diferentes alinhamentos das vontades políticas.” (Rêgo, 2002, p. 202)

Atos simbólicos em defesa do legado e da memória de Tavares Bastos surgem primeiramente num âmbito nacional. Com destaque na escolha de seu nome para patrono da cadeira de nº 35 da Academia Brasileira de Letras, por um dos fundadores da Academia, o escritor e jurista Rodrigo Otavio, em 1897. Além disso, teve menção de vários escritores brasileira de renome do final do século XIX e começo do XX, entre eles: Rui Barbosa, Silvio Romero, José Veríssimo, Barão do Rio Branco e Euclides da Cunha (Bastos, 1975, p. 70)⁷

Entretanto, a memória de Tavares Bastos é comumente associada pelas marcas do esquecimento de sua imagem. Cassiano Tavares Bastos⁸, irmão mais

⁷ Ver a nota de número 6 do artigo de Cassiano Tavares Bastos, “Tavares Bastos, o solitário”, presente no livro referenciado. Nesta nota apresentam-se autores brasileiros que referenciam Aureliano Tavares Bastos postumamente, dando ênfase também a artigos específicos de escritores como Gilberto Amado e Salvador de Mendonça.

⁸ Senador federal, magistrado, jurista, diplomata, advogado. Filho de José Tavares Bastos e Rosa Cândida de Araújo Tavares Bastos. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo (1866). Ao terminar seu curso foi nomeado adido à missão especial enviada à Bolívia por ocasião da guerra do Paraguai. Posteriormente, esteve no Peru, ocupando o cargo de secretário de legação. Em 1871, foi promotor público em Vitória (ES). Juiz de Direito no Ceará e em São Paulo; Chefe de Polícia no Espírito Santo e em Alagoas, tendo se eleito, por este estado, senador federal em 1890, para o mandato de três anos, por ter sido o menos votado. Em maio de 1892, renunciou ao Senado para assumir o cargo de Juiz do Tribunal Civil e Criminal. Porém o Senado somente em 06/11 do mesmo ano decide ter ele perdido o mandato por ter assumido cargo na magistratura. Posteriormente, foi nomeado desembargador da Corte de Apelação. Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 2. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 610.

novo de Aureliano Tavares Bastos, em 1906, publica um artigo na ocasião dos 31 anos do falecimento do irmão *solitário*. Inicia o mesmo com o seguinte apontamento:

“Rememorar o nome de brasileiros ilustres que prestaram ao país inestimáveis e imorredouros serviços, eis uma obra assás digna, de todo bom patriota que, educado na grande escola do respeito e amor as gloriosas tradições nacionais, se assim praticar com o mais vivo interesse e mais ardente carinho verdadeiro culto cívico... é nosso intuito levantar-lhe a memória do injusto esquecimento em que jaz, rendendo-lhe ao mesmo tempo uma homenagem póstuma do nosso afeto e da nossa veneração” (Bastos, 1975, p. 57).

O “jaz esquecimento” de Tavares Bastos o acompanhou durante o primeiro quarto do século XX, apesar de suas ideias serem associados aos marcos políticos da constituição republicana de 1891.

Cassiano mais uma vez advogou pela defesa da memória do irmão, desta vez em 1925, no artigo intitulado “*Tavares Bastos, o solitário*” publicado no Jornal do Comércio no quinquagésimo aniversário de falecimento de Aureliano. Neste, Cassiano comemora a iniciativa da Companhia Editora Nacional em reeditar a série Brasileira, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, assim, reeditando a obra completa de Tavares Bastos. Contudo, apesar deste considerável avanço para a difusão das obras, ainda fica evidente no texto que a rememoração do autor ocorre, neste período (1875-1925), a partir de menções de caráter nacional. Cassiano não destaca ações de memória por parte de alagoanos de destaque (Bastos, 1975, p. 67-79).

Em Alagoas, sua terra natal, as ações simbólicas de memória começam a destacar-se a partir de da década de 1920. Sendo a primeira grande ação afirmativa a escolha do nome de Tavares Bastos para ser patrono da Academia Alagoana de Letras (AAL), fundada em 1919⁹. Escolha esperada, uma vez que o mesmo figura como único alagoano patrono de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Orlando Araújo, acadêmico da AAL, discursou em 1925 em defesa da memória do Patrono. No mesmo texto em que afirma que Tavares Bastos é um “*Novo Prometeu*”, como exposto na introdução deste texto, também afirmou que:

⁹ Instituição cultural fundada, após algumas tentativas mal sucedidas (em 1915, Jaime de Altavila tentou e chegou a elaborar os estatutos, publicados em 7 de abril daquele ano, mas a iniciativa não vingou) em Maceió, em 1/11/1919, em solenidade sob a presidência de Manuel Moreira e Silva. “Finalidade precípua: incentivar o cultivo das letras, estimulando os escritores e desenvolvendo a cultura literária em Alagoas” Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 1.

“Resgata o nome de Aureliano do esquecimento a Academia Alagoana de Letras. A cadeira que tem o seu nome é como se fora uma pirâmide beijada pela esplendência da arte egípcia, perpetuando-lhes o valor. Quanto nos dói a dor de não vê-lo repousar na sua Alagoas, tão dos seus admiráveis cuidados. Alagoas! Hoje que abres tua alma para uma consagração ao saber de teu filho, prepara-te também para abrir o coração agradecido, dando-lhe nele, resguardo aos seus despojos. Sabe ser mãe de tão digno filho, terra adorada! Lembra-te de que Aureliano fora como um palio aberto protegendo o desprotegido! Lembra-te de que seus livros são os recalheiros de grande fé cívica, uma portentosa armadura para os fracos, e representam as palmas vocativas de conquistas democráticas, a heráldica do gênio o lume dos escravos” (Araújo, 1975, p. 150).

Para além dos jargões românticos e da tentativa de construir uma figura simbólica mítica de Tavares Bastos, o discurso de Orlando Araújo evidencia a ideia de que até então o “*Novo Prometeu*” era um injustiçado pelo esquecimento.

A partir deste ato simbólico Tavares Bastos começa a ocupar os mais altos lugares de memória no Estado de Alagoas. Todavia, a associação de sua figura com o esquecimento não o deixa de acompanhá-lo, essa evidente contradição iremos nos aprofundar abaixo.

3. Memória, lembrar e esquecer: atos mnemônicos para com Tavares Bastos

As referências póstumas a Aureliano Tavares Bastos podem ser analisadas pelo prisma da memória, sua rememoração tornou-se uma prática narrativa no Estado alagoano, sendo ele um dos eleitos, por representantes do poder político local, para discernir e definir aquilo que representa Alagoas. Para o historiador Jacques Le Goff (1990, p. 476) a identidade e memória se fundem para a construção dos sentidos de representação e percepção de um coletivo. Entretanto, a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder.

No caso de Tavares Bastos isso se torna evidente à medida que o mesmo ocupa lugares privilegiados de memória, termo cunhado pelo historiador Pierre Nora (1993, p. 7-28) que define que um *lugar de memória* é qualquer unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo transformou em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade. As representações simbólicas, transformadas em lugares de memória, quando operadas pelo poder estatal são também uma prática de coerção da memória e identidade coletiva. Ainda segundo Nora (1993, p. 18), “a atomização de uma

memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a relembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade”.

Em Alagoas, o principal exemplo de representação simbólica utilizada como elemento coercitivo é a instrumentalização da memória dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, ambos alagoanos e respectivamente primeiro e segundo a ocuparem a presidência da república brasileira. Esse movimento para constituir a identidade coletiva de Alagoas criou a alcunha do Estado como “*terra dos marechais*”.

Os marechais irão ocupar os mais altos *Lugares de Memória*: Deodoro foi referenciado nomeando sua cidade natal, Alagoas do Sul, que em 1939 passou a chamar-se Marechal Deodoro. Além disso, nomeia também praças, teatro e edifícios importantes na capital do Estado, Maceió, como a *Praça Marechal Deodoro*, localizada no coração do centro da cidade. Já Floriano Peixoto nomeia o palácio que sedia o Governo do Estado de Alagoas, principal edifício do poder executivo estadual. Ambos os marechais estão representados simbolicamente também no *Memorial à República*, localizado na orla de Maceió e que possui duas estátuas imponentes dos marechais e 27 mastros que exibem as bandeiras dos 26 Estados brasileiros e do Distrito Federal, um lugar de memória que celebra e materializa a ligação do Estado de Alagoas com a proclamação e a consolidação da república brasileira.

Assim como os marechais, a representação simbólica de Tavares Bastos foi utilizada como elemento coercitivo de memória. Com destaque para a escolha do nome de Tavares Bastos para o palácio da Assembleia Legislativa em Alagoas, em 1952, como *Casa de Tavares Bastos*. Sendo também ele nomeado como patrono da Assembleia Legislativa Estadual, pela resolução de nº 19 de 24 de março de 1952¹⁰. Neste mesmo ano foi lançada a pedra fundamental¹¹ do busto de bronze que o

¹⁰ Ver PALMEIRA, Guilherme. Nota Preliminar in ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL. **O poder Legislativo no Brasil e em Alagoas**: - sua instituição. Maceió: IGASA, 1976.

¹¹ Pedra fundamental para uma estátua ou busto é o primeiro bloco de pedra (ou outro material) que é simbolicamente colocado para marcar o início da obra.

homenageia localizado no referido palácio, obra concluída em 1955, no lançamento discursou Guedes de Miranda¹²:

“Alagoas ainda não mandou esculpir a estatua de Tavares Bastos, quando o bronze que há de guardar a imortalidade do pensador já palpita de vida, já estremece de movimentos humanos, como que sentindo a “alma do gigante” que lhe fara vibrar coesão molecular, as entranhas rígidas, pelo orgulho de guardar para a eternidade a glória de um grande homem. Esse bronze prescinde do talento do artista para convencer a multidão de que funde a vida de um predestinado. Nele se percebera o sulco do profundo gênio” (Miranda, 1975, p. 127).

As palavras de Miranda seguem o tom romântico, com objetivo de construir uma figura simbólica mítica de Tavares Bastos, apresentada no discurso de Orlando Araújo na AAL em 1925. Evidenciando a proposição de assumir o homenageado como referencial daquilo que é Alagoas e parte da sua identidade.

Outro momento marcante para evidenciar o imenso tamanho dado à figura simbólica de Tavares Bastos em Alagoas no século XX, a partir de 1925, se deu nas homenagens feitas ao mesmo no seu centenário de nascimento em 1939. Realizou-se em Maceió um evento que contava com a organização dos poderes públicos da capital e do Estado e também com a Academia Alagoana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, este evento homenageou tanto o centenário de Tavares Bastos quanto o de Floriano Peixoto.

Feita uma comissão de organização do evento, participou das reuniões de planejamento o Dr. Carlos Gusmão¹³, que posteriormente ao evento redigiu um relato sobre o mesmo. Neste, se detém a descrever as minúcias e dificuldades do processo de organização do referido evento. Inicialmente comenta sobre sua

¹² Interventor federal, vice-governador, deputado estadual, procurador-geral, secretário de estado, professor, advogado. Deputado estadual nas legislaturas: 1909-10, 11-12; 17-18 e 1929-30. Em 19/12/1945 foi nomeado interventor federal, substituindo Edgar de Góis Monteiro, assumindo em 11/5/1946 e permanecendo até 29/3/1947. Em outubro de 1950 elegeu-se vice-governador por uma coligação de nove partidos. Em outubro de 1954 candidatou-se ao Senado, mas não se elegeu. Membro fundador e primeiro ocupante da cadeira 19 - tendo feito a Oração da Academia, discurso na instalação da AAL - da qual, também, foi presidente. Sócio do IHGA, empossado em 14/7/1914, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, e sócio-honorário. da AAI. Patrono da cadeira 27 do IHGA Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 2. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 283.

¹³ Deputado federal, magistrado, professor, caricaturista, advogado Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 2. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 48.

intenção de lançar uma pedra fundamental para uma estátua de Tavares Bastos no centenário:

“Em 1937 estando no Rio de Janeiro como deputado, tive a ideia de um monumento a Tavares Bastos, para ser inaugurado, se possível, se não pelo menos sua pedra fundamental, em Maceió, por ocasião das festas que em 1939 teriam de ser realizadas, comemorativas do seu primeiro centenário. Seria o monumento, com a estatua de grande pensador, erguido no centro da grande praça que eu tinha observado iria existir no porto de Jaraguá, no local onde começa a avenida de acesso ao cais da atração. Conversei a respeito com o meu prezado amigo e nosso eminente conterrâneo Dr. Carlos Pontes e escrevi a um outro amigo, o nosso confrade Quintella Cavalcanti, então deputado da assembleia legislativa do Estado, sugerindo-lhe a apresentação de um projeto na sessão permanente a que pertencia... O golpe de 10 de novembro frustrou a iniciativa. (Gusmão, instituto, 1939, p. 1)”

A iniciativa de Gusmão de ter um monumento representando Tavares Bastos em Maceió, frustrada pelo golpe do Estado Novo em 1937, veio a se concretizar apenas em 1955 como já destacado neste texto. Entretanto, o relato denota o conhecimento e valorização de Tavares Bastos enquanto importante símbolo de memória do Estado de Alagoas por autoridades políticas da mencionada circunstância. Isso fica mais evidente quando posteriormente Gusmão relata as discussões sobre qual local deveria ocorrer o evento:

“Numa reunião a seguir, presente nós – Orlando, Castro, Lavenère e eu – e o diretor do departamento, por ter ficado resolvido ser a conferencia sobre Tavares Bastos no Teatro Deodoro, declarou o Sr. Orlando Araújo que, nesse caso lá também deveria ser a do nosso confrade Jaime de Altavilla sobre Floriano; que não convinha fazer em lugares diferentes as duas conferências, evitando-se assim comentários sobre o maior ou menor imponência ou grandeza de ambiente, por efeito de local; ou as duas no instituto, ou as duas no teatro, disse o presidente do instituto, e nós concordamos. (Gusmão, instituto, 1939, p. 2)”

A descrição da escolha das dificuldades em escolher o local do evento, que acabou por realizar-se no salão do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, parece banal. No entanto, ao realizar uma leitura a contrapelo do texto¹⁴ nota-se a equiparação de relevância da figura histórica de Tavares Bastos com Floriano Peixoto. Com a concordância de todos os presentes na reunião, autoridades de instituições de poder de Alagoas e vozes que legitimavam a narrativa de memória e identidade no Estado.

¹⁴ Leitura a contrapelo é uma pratica metodológica necessária ao historiador destacada por Walter Benjamin em uma de suas teses, tese VII, sobre o conceito de História. Ver BENJAMIN, Walter. VII in BARRETO, João (org.). **O anjo da Historia / Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021, p. 9.

Mais um momento de destaque a figura de Tavares Bastos se deu quando a Assembleia Legislativa de Alagoas, no centenário do falecimento de seu patrono em 1975, publicou uma obra que compila diversos textos de autores, políticos e pensadores alagoanos que discutem a figura de Tavares Bastos. O livro, *Tavares Bastos (visto por Alagoanos)*, coordenado pelo historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana¹⁵ contém textos datados de 1906 até textos do ano de sua publicação. Em nota explicativa da obra, Sant'Ana afirma que:

“Esta homenagem, prestada à figura do grande publicista alagoano pela Assembleia Legislativa de Alagoas, por iniciativa de sua mesa diretora, exprime uma espécie de reparação, de resgate de uma dívida para com seu ilustre filho, de certo modo esquecido em sua própria terra. (Sant'Ana, 1975, p. 9)”

As palavras de Sant'Ana, endossadas pela Assembleia Legislativa de Alagoas, nos permite afirmar que mesmo com todo destaque nos mais altos lugares de memória do Estado de Alagoas, como exposto neste texto, a figura simbólica de Tavares Bastos continuou sendo associada ao esquecimento.

Tal contradição no entorno da figura de Tavares Bastos em Alagoas pode nos levar a crer que estamos diante de um problema de memória, uma vez que a síntese da dialética entre atos de memorização e os discursos dentro desses atos mnemônicos é o esquecimento. Entretanto, os meandros da memória são mais complexos.

O esquecimento ocupou grande parte dos debates a cerca da memória coletiva na segunda metade do século XX, a história do holocausto marcou profundamente as perspectivas daquilo que se lembra, se esquece e se apaga. Desde relatos pessoais como em *É Isto um Homem?* de Primo Levi (2013); análises sobre a fenomenologia da memória por Paul Ricoeur (2008) em *A memória, a história, o esquecimento*; a memória subterrânea de grupos marginalizados por Michel Pollack (1989) em *Memória, Esquecimento, Silêncio*; e até os problemas sobre o excesso de memória por Régine Robin (2016) em *A memória saturada*.

¹⁵ Historiador, professor, bacharel em ciências jurídicas e sociais. Diplomou-se em Direito, na Faculdade de Direito de Alagoas (1963). Foi funcionário da Cooperativa de Usineiros de Alagoas. Dirige o Arquivo Público de Alagoas desde 1962-2005. Professor de Introdução ao Estudo da História, História de Alagoas e História da Cultura Alagoana, na UFAL. Membro da AAL onde ocupa a cadeira 29. Sócio do IHGA, empossado em 31/10/1977, na cadeira 37. Sócio honorário da AML. Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 2. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 516.

Apesar de abordagens diferentes, aquilo que se subtrai como perspectiva geral sobre a memória e o esquecimento é que eles não são opostos e sim interdependentes. Já que o ato de lembrar é tão ativo quanto o de esquecer, uma característica inerente da memória é a sua seletividade, de forma que a mesma produz o esquecimento (Malerba, 2011, p. 52).

Sendo assim, entendemos que no caso de Tavares Bastos sua figura ocupa um lugar de privilégio, o lugar daquilo que foi escolhido para ser lembrado, memorado coletivamente e transformado em símbolo coercitivo para a construção da identidade de Alagoas. É dentro desse lugar da representação simbólica que enxergamos as causas de sua associação com o esquecimento.

4. A imediatez do olhar: o símbolo Tavares Bastos em alagoas

Para compreender tais causas precisamos de antemão realizar uma separação entre a representação de Tavares Bastos figura, essa ocupando lugares privilegiados de memória como já exposto, e as ideias do pensador e político Tavares Bastos.

As ideias ou os conceitos, não existem de forma direta, dependem elas da decodificação em signos que seguem a interpretação. Segundo Walter Benjamin:

“As ideias são antes a sua disposição virtual objetiva, são a sua interpretação objetiva. Se elas não contêm em si os fenômenos por incorporação nem se dissipam em funções, na lei dos fenômenos, na “hipótese”, coloca-se então a questão de saber de que modo elas alcançam os fenômenos. A resposta é: na sua representação. Em si, a ideia pertence a um domínio radicalmente diverso daquele que apreende. O critério para definir a sua forma de existência não pode, por isso, ser o de dizer que ela compreende em si aquilo que apreende, por exemplo como o gênero compreende em si as suas espécies. Não é essa a tarefa da ideia” (Benjamin, 2011, p. 15).

Assim, Benjamin destaca que a acepção das ideias está inserida inerentemente na linguagem, entendendo que elas se materializam por meio da representação. As ideias de Tavares Bastos estão sujeitas a forma como são lembradas e a sua disposição no ambiente em que são lembradas. A representação foi objeto de análise na tese de doutoramento de Walter Benjamin, *A origem do drama trágico alemão*, nesta apontou alguns certames que serão utilizadas neste texto.

Em sua tese, Benjamin criticou a forma de representação da estética clássica, para o autor o classicismo esteve preso à totalidade por meio da representação simbólica, pressupondo uma imediatez de decodificação. O símbolo representa então a conjunção de aspectos diferentes numa totalidade harmoniosa e de pleno de sentido (Damião, 2013, p. 62). Dessa maneira, a alegoria se configura como retalhos e se aproxima de maneira mais fiel a verdade, diferente do símbolo que se configura pela inalcançável transparência.

A crítica de Benjamin ao simbólico está calcada na percepção de sua ineficiência, a qual ele propõe a reabilitação do seu oposto, a representação alegórica. A filósofa suíço-brasileira Jeanne Marie Gagnebin descreve a diferença entre símbolo e alegoria:

“Na relação simbólica, o elo entre imagem e a sua significação (por exemplo, entre a imagem de uma cruz e a significação da morte do Cristo no símbolo da cruz) é natural, transparente e imediato, o símbolo articulando, portanto, uma unidade harmoniosa de sentido. Ao contrário, na relação alegórica (por exemplo, uma mulher com os olhos vendados e segurando uma balança, como representação da justiça) o elo é arbitrário, fruto de uma laboriosa construção intelectual (Gagnebin, 1993, p. 41).”

Com esse aporte teórico buscamos interpretar como as ideias de Tavares Bastos foram representadas em alagoas no século XX, no seguinte recorte temporal 1925-1975. Utilizando como fonte o livro *Tavares Bastos (visto por Alagoanos)* para analisar como diferentes alagoanos ilustres¹⁶ retratam essas ideias.

5. O castigo de prometeu: a representação das ideias de Tavares Bastos

Dos 25 textos compilados na obra coordenada por Moacir Sant’Ana, nota-se claramente o engrandecimento da figura de Tavares Basto como símbolo, dinâmica que repete os atos mnemônicos coercitivos do mesmo em lugares de memória, discursos como “o maior pensador político de sua época (Cavalcanti, 1975, p. 210)” e outro que o equipara sua personalidade de grandes gênios da humanidade, como o pintor Leonardo Da Vinci (Duarte, 1975, p. 21). Para além do engrandecimento demasiado, quando se referem às ideias políticas de Tavares Bastos destacam-se dois aspectos que são recorrentes: as alcunhas de *pensador a frente de seu tempo* e de *pensador realista*.

¹⁶ Esta obra compila textos de diversos alagoanos de destaque na política alagoana e nacional. Entre eles: Costa Rego, Povina Cavalcanti, Guedes de Miranda, Otavio Brandão, Abelardo Duarte e outros.

Num discurso para memorar Tavares Bastos em seu centenário, em 1939, o ex-governador de Alagoas Costa Rego¹⁷ afirmou:

“A impressão que se recolhe é que Tavares Bastos animou com o sopro de suas previsões e de suas iniciativas todo o Brasil de hoje. Era um agitador e um profeta. Agitou não para o deserto, o que agitou no deserto constituiu sempre depois as realizações da história, a autenticação posterior de seu acerto na profecia (Rego, 1975, p. 95).”

Trechos de tom semelhante se repetem em todos os 25 textos compilados na obra, colocando Tavares Bastos como homem que previu a realidade política do Brasil na república, alguém que comensurou todas as questões de seu futuro (Miranda, 1975, p. 125)

Já a alcunha de *pensador realista* se repete como maneira de exaltar a capacidade de Tavares Bastos em tratar sobre questões estruturantes da política brasileira. Retratando-o como o pensador de ordem prática e não um sonhador em abstrato (Brandão, 1975, p.179).

Outra característica marcante sobre as ideias de Tavares Bastos que se destaca é a defesa da atualidade das mesmas. Para Ulysses Braga (1975, p. 260), por exemplo, as ideias de Tavares Bastos possuem valor e peso para a realidade alagoana: “A atualidade de Tavares Bastos ainda não cessou e nem cessará enquanto permanecerem sem solução os temas que ele agitou em torno dos problemas básicos do Brasil”. Entretanto, apesar do enaltecimento das ideias, tal construção da imagem de um grande homem e símbolo político de Alagoas não alcança de maneira efetiva a política alagoana no século XX, pois suas ideias são consideradas como atuais, mas não são utilizadas. Ainda nesse mesmo texto Braga afirmou:

“Nunca Aureliano Candido Tavares Bastos exigiu maior estudo e suas ideias maior preocupação. Sua atualidade está à vista de todos, impondo as gerações atuais um regresso aos eternos temas que ele tratou com a presciência de um predestinado” (Braga, 1975, p. 261).

A defesa da atualidade das ideias de Tavares Bastos se mantém presa à representação simbólica, apenas, pois a realidade material da política alagoana não permite que tais ideias se concretizem na prática política. Em tom melancólico Manuel Diégues Júnior explana essa dinâmica:

¹⁷ Governador, senador federal, deputado federal, jornalista alagoano Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 296.

“E nós desprevenidos, num desperdício sem igual, a desprezamos, a abandonamos, em prejuízo do mais exato conhecimento do drama brasileiro. Do drama que é de nossa geração, já herdado de outras, e que levaremos ainda aos que sucedem, se não quisermos ouvir as lições de realidade. As lições de realidade de Tavares Bastos” (Junior, 1975, p. 137).

O evento que melhor exemplifica essa impossibilidade ocorreu durante a votação do impeachment do Governador de Alagoas, Muniz Falcão, em 1957. De antemão, cabe destacar que Alagoas foi um Estado com uma política marcada pela violência desde sua gênese e durante todo o século XX¹⁸, a disputa pelo poder de mando resultou em diversos facciosismos partidários que geraram eventos de barbaridade.

A frente do governo, Muniz teve em sua administração a implementação de medidas que contrariavam os interesses de parte da elite alagoana, em especial os usineiros, como a criação de novos impostos e a defesa da fiscalização para o cumprimento da legislação trabalhista. Com destaque para a proposição da Taxa Pró-Economia, Educação e Saúde, que representava um tributo de 2% que incidiria sobre a produção de gêneros agrícolas, como a cana de açúcar, tendo como objetivo aumentar a arrecadação e reinvestir os recursos em áreas sociais como saúde, educação e estrutura. Tal posição do governo pode associar-se em certo grau as medidas propostas por Tavares Bastos em defesa da modernização do Estado e da educação pública de qualidade.

As medidas, de cunho populista, de Muniz Falcão soma-se a casos de violência política, como o assassinato do deputado José Marques da Silva em fevereiro de 1957. O pedido formal de impeachment, apresentado pelo deputado Oséas Cardoso no mesmo mês, listava cinco denúncias principais: atentado ao funcionamento da Assembleia Legislativa, coerção de juízes e deputados, infrações à lei federal de Ordem Pública e realização de despesas não autorizadas. A crescente fissura das elites alagoanas na política estadual resultou na polarização de dois grupos: de um lado os governistas, apoiadores de Muniz Falcão, que representavam setores populares e defendiam medidas de cunho social; de outro, a oposição, composta pela maioria da Assembleia Legislativa (22 dos 35 deputados) e ligada às elites econômicas do setor canavieiro (Tenório, 2018).

¹⁸ Para aprofundamento nas dinâmicas de violência na política em alagoas Ver TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das oligarquias**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

A escalada da tensão culminou em um tiroteio na Assembleia Legislativa em 13 de setembro de 1957, que resultou em um morto e oito feridos, um evento que chocou o país. O historiador Douglas Apratto Tenório narra os acontecimentos e descreve o clima de batalha instaurado na capital alagoana:

“Por volta das duas e meia, um jornalista gritou da janela “La vem eles” quando chegavam Claudenor Lima, Luiz Malta, Abraão Moura, Humberto Mendes, sogro do governador, e seu filho Walter. Mal entraram, ambos os lados com os nervos a flor da pele, quando ainda não estava votada a denúncia, ouviu-se um tiro seco que deu início à violenta fuzilaria. Uma pequena pausa, 92 rajadas de metralhadoras e tiros recomeçaram com fragor. Os dois lados já estavam na luta. Em frente a Assembleia, na Praça Pedro II, multidão que estava reunida em comício, após passeatas em vários pontos da cidade, manifestando apoio ao governador, entrava em debandada. Começado o tiroteio, o povo entrou em pânico, subindo a Ladeira da Catedral, em completa desordem. Durante quarenta minutos, o tiroteio entre as duas bancadas foi intenso. “Ouviam-se disparos vindos das ruas, enquanto balas pipocavam por todos os lados no recinto da Assembleia, enquanto pedidos de socorro surgiam dos muitos feridos”. Mais de mil tiros foram disparados, inclusive alguns de fora para dentro. Os gritos de ajuda não paravam. Houve até quem se jogasse do andar superior para a marquise. Finalmente, cessados os estampidos, pôde ser visto o resultado da violência. Vários feridos e em estado grave os deputados Carlos Gomes, José Afonso, Virgílio Barbosa e José Onias, o jornalista carioca Márcio Moreira Alves e o funcionário Jorge Dâmaso. Morto, com um tiro nas costas, o deputado Humberto Mendes. A Polícia Militar havia se retirado. As tropas do Exército, só no final do tiroteio, intervieram, ingressando no local e tomando providências apaziguadoras. (Tenório, 2018, p. 52-53)”

Essa tragédia marcada pela barbárie acontece dentro da Assembleia Legislativa de Alagoas, que cinco anos antes, em 1952, assumiu o nome de *Casa de Tavares Bastos*. Ainda segundo Tenório:

“O interior do prédio ficou completamente danificado, o edifício foi isolado, apresentando cenas espectrais, mobiliário fragmentado, vidros estilhaçados, as vítimas se contorcendo, embora segurando firmemente as armas. Não era um parlamento, era um teatro de guerra depois da batalha. (Tenório, 2018, p. 53)”

O busto de bronze de Tavares Bastos, ao qual Guedes de Miranda afirmou que palpitava a vida (Miranda, 1975, p. 127), esteve ao lado de sacos de areia feitos de barricadas, estilhaços de vidro e cápsulas de balas.

Os atos mnemônicos em prol da representação do patrono da assembleia se chocaram então com a prática política violenta, nesse cenário, as ideias de Tavares Bastos encontraram entraves para serem a prática dos políticos alagoanos, contrastando com a representação de um alagoano que renegou as disputas

partidárias para pensar de forma realista o país, como afirmou Pedro Barreto Falcão¹⁹:

“Numa época em que grandes homens, de ordinário, agachados a sombra das conveniências partidárias, eram antes grandes políticos que grandes brasileiros, Tavares Bastos, do jornal ou da tribuna parlamentar, com as fulgurações de seu talento privilegiado a serviço de sólida cultura agitava com o maior desassombro e altivez os problemas que mais perto tocavam os destinos nacionais (Falcão, 1975, p. 195-196).”

Assim, as ideias de Tavares Bastos são eleitas para Alagoas apenas no âmbito discursivo, sendo aprisionadas na representação simbólica e imediata de sua figura. A passagem das mesmas para uma representação alegórica, essa carente de uma laboração teórica e mais próxima da verdade, necessitava que elas atingissem de fato o debate político e se materializassem em mudanças na política alagoana.

Considerações finais

Concluimos com esta pesquisa que a figura de Tavares Bastos em Alagoas, no século XX, é memorado por meio de uma representação simbólica de caráter imediatista e raso. Sua ocupação nos mais importantes lugares de memória do Estado ocorre de forma a insuflar a participação de Alagoas naquelas que foram admitidas como glórias políticas da nação durante o segundo reinado. Tal forma de representação também o tornou uma figura intocável, assim suas ideias não foram colocadas no âmbito das discussões, atualizações ou reproduções. De maneira anacrônica, tornaram-se símbolo de um passado distante.

Enquanto sua imagem é alçada a glória, suas ideias liberais encontraram uma terra arrasada para se frutificarem, não sendo reproduzidas, discutidas ou atualizadas perante a prática política do tempo daqueles que se apropriaram de seu nome. Com efeito, que à medida que o mesmo é lembrado, é então esquecido. Dessa maneira, tal como enfrentou o realismo da prática política nas décadas de 1860 e 1870, Tavares Bastos postumamente sofre com o isolamento de suas ideias políticas e seu projeto de país. Tornando-o um solitário em vida e também na morte.

¹⁹ Jornalista, estatístico. Em 1939, chefiava uma seção do Departamento Estadual de Estatística quando foi requisitado pelo IBGE e nomeado Diretor de Estatística do Rio Grande do Sul, tendo chefiado naquele estado os trabalhos do recenseamento de 1940. Voltando para Alagoas organizou e dirigiu o Departamento das Municipalidades. Foi redator-chefe do Jornal de Alagoas, em 1934. Colaborou na Gazeta de Alagoas Ver BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. p. 532.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Orlando. Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTASUAL. **O poder Legislativo no Brasil e em Alagoas**: - sua instituição. Maceió: IGASA, 1976.

BARBOSA, Ruy. **Pensamento e ação de Rui Barbosa**. Fundação Casa de Rui Barbosa (org.). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 1999.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 1. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. **ABC das Alagoas**: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. t. 2. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

BASTOS, Cassiano Tavares. Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

BASTOS, Cassiano Tavares. Tavares Bastos, um solitário *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. **A Província**: estudos sobre a descentralização no Brasil. Maceió: Assembleia Legislativa do Estado de Alagoas, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. 2ª ed. Org. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENJAMIN, Walter. VII *in* BARRENTO, João (org.). **O anjo da História / Walter Benjamin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.

BRAGA, Ulysses. Tavares Bastos e o nosso tempo *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

BRANDÃO, Otávio. Tavares Bastos: o esboço de análise crítica ideológica *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

CAVALCANTI, Povina. Perfil de Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

DAMIÃO, Carla Milani. Anti-classicismo, mística judaica, símbolo e alegoria. **Cadernos Benjaminianos**, Número especial, Belo Horizonte, 2013, p. 55-69.

DUARTE, Abelardo. Tavares Bastos e o problema abolicionista *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

ÉSQUILO. **Uma tragédia grega**: Prometeu acorrentado. Tradução: Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 2009.

FALCÃO, Pedro Barreto. O sentido nacionalista na obra de Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Walter Benjamin**: Os cacos da História. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

JÚNIOR, Manuel Diégues. A realidade brasileira em Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.

LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

MALERBA, Jurandir. **"Memória: entre História e Historiografia"**. *In* Idem. Ensaios: teoria, história e ciências sociais. Londrina: Eduel, 2011.

MIRANDA, Guedes de. Discurso sobre Tavares Bastos *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

NORA, Pierre,. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do programa de estudos Pós-graduados de História**, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23/06/2025.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p 3-15. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 26/06/2025.

PONTES, Carlos. **Tavares Bastos (Aureliano Candido) 1839-1875**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

REGO, Costa. Centenário a comemorar I *in* SANT'ANA, Moacir Medeiros de. (Coord.) **Tavares Bastos (visto por alagoanos)**. Maceió: IGASA, 1975.

RÊGO, Walquiria Domingues Leão. **A Utopia Federalista**: Estudo sobre o Pensamento Político de Tavares Bastos. v. 2. Maceió: EDUFAL, 2002.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

SILVEIRA, Paulo de Castro. **Tavares Bastos**: Um titã das alagoas. Maceió: Assembleia Legislativa de Alagoas, 2019.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **A tragédia do populismo**: o impeachment de Muniz Falcão. Maceió: Edufal, 2018.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das oligarquias**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.